

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR
MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
FUNDAÇÃO OSESP, BAIN & COMPANY E FOLHA DE S. PAULO APRESENTAM

o s e s p

Temporada 2026

Revista

Uirapuru

16, 17 e 18 de abril

2026

São Paulo

Ano 1 – nº 10





“Eu viria a este país todo meu e lhe diria: ‘Abraçe-me sem medo... E se falar for a única coisa que eu souber, é por você que falarei’.

E lhe diria ainda:

‘Minha boca será a boca dos infortúnios que não tem boca, minha voz será a liberdade daquelas bocas que se abateram sob o cárcere do desespero.’

E vindo, finalmente, diria a mim mesmo:

‘Sobretudo, meu corpo, assim como minh’alma, não cruzai os braços como espectadores inúteis, pois a vida não é um espetáculo, pois um oceano de dores não é um palco, pois um ser humano que grita não é um urso a dançar em um espetáculo circense?’

(Aimé Césaire [1913–2008], em *Diário de retorno ao país natal*)

16 de abril
quinta-feira
20h

17 de abril
sexta-feira
20h

18 de abril
sábado
16h30  Transmissão ao vivo

**Sala
São
Paulo**

**Orquestra Sinfônica do
Estado de São Paulo - Osesp**
Elena Schwarz regente
Seth Parker Woods violoncelo

GYÖRGY *Atmosphères* [Atmosferas]
LIGETI 1961
1923–2006 9 minutos

NATHALIE *Had to be* [Tinha que ser]
JOACHIM [Estreia Latino-americana]
1983 2024
1. Homegoing [Volta para casa]
2. Flare [Fulgor]
3. With grace [Com elegância]
20 minutos

Intervalo de 20 minutos

LUDWIG VAN *Sinfonia n^o 7 em Lá maior, Op. 92*
BEETHOVEN 1811–1812
1770–1827
1. Poco sostenuto. Vivace
2. Allegretto
3. Presto
4. Allegro con brio
36 minutos

Atmosphères [Atmosferas]

1961

Instrumentação

piccolo
4 flautas
2 oboés
4 clarinetes
requinta
3 fagotes
contrafagote
6 trompas
4 trompetes
4 trombones
tuba
piano
cordas

A música de Ligeti alcançou o grande público quando, em 1968, algumas de suas obras viraram trilha de *2001: Uma Odisseia no espaço*, de Stanley Kubrick. Dessas peças, *Atmosphères* é a única ouvida integralmente no filme e é sua segunda criação a empregar a técnica que o tornou famoso: a micropolifonia. A proposta consiste em sobrepor muitas linhas “melódicas” distintas, frequentemente mais de 60.

Diferentemente da polifonia convencional, essas linhas não são percebidas como partes individuais, mas se entrelaçam como delicados fios de um “véu sonoro”. Encavaladas umas nas outras e evoluindo em tempos e ritmos diferentes, elas se fundem em densos cachos de sons dissonantes que se intensificam ou esmorecem lentamente. Sobre o incessante e agitado enxame sonoro produzido pelo acúmulo de “desencontros” rítmicos e dissonâncias — essa polifonia “microscópica” — paira uma sensação de estaticidade. Em permanente transformação, porém, é ela que, segundo Ligeti, caracteriza a forma da obra, que, “parece estar parada, mas é meramente uma ilusão: [...] dentro da estaticidade há mudanças graduais”.



Agora você vai ouvir...

em vez de uma melodia clara, um som que parece se espalhar no espaço. Não tente seguir uma linha: elas estão lá, mas são muitas, próximas demais para serem separadas. Aos poucos, repare como essa massa sonora respira: ela cresce, se adensa, muda de cor. É como observar uma nuvem em movimento: nada salta aos ouvidos, mas tudo está em transformação. Essa é a **micropolifonia**: tantas vozes soando ao mesmo tempo que deixam de ser individuais e passam a formar uma única textura.

Dedicada à “memória de Mátyás Seiber”, colega compositor que morrera num acidente de carro no ano anterior à composição, *Atmosphères* foi encomendada pela Südwestrundfunk para o Festival de Donaueschingen de 1961. Perturbadoramente sugestiva, ela rende muitas metáforas, a começar pelo título, que, como afirma o compositor, deve ser tomado em seu sentido literal e figurativo.

Mátyás Seiber [1905–1960] foi um compositor húngaro-britânico que construiu sua trajetória a partir de encontros improváveis: a herança de Béla Bartók e Arnold Schoenberg, o jazz, as canções tradicionais e as novas linguagens do século XX. Sua música nasce dessas aproximações e de diálogos entre universos que raramente se cruzam, mas que, em sua obra, passam a coexistir. Sua morte repentina em um acidente de carro no Parque Nacional Kruger, na África do Sul, país em que havia ido dar palestras, interrompeu esse percurso, mas não seus ecos; razão pela qual Ligeti lhe dedicou *Atmosphères*.



A oscilação de imagens refletidas na água é um recurso popular no mundo das artes, utilizado por pintores e compositores como Claude Monet (*Nenúfares*), Claude Debussy (*Reflets dans l'eau*) e o próprio Ligeti. Observe *Narciso*, do pintor barroco Caravaggio [1571-1610]. Datada de antes de 1600 e feita em óleo sobre tela, a pintura mostra a beleza de Narciso acima das águas, suas feições angelicais e suaves, que contrastam com o reflexo trêmulo abaixo dele, perturbado pelo movimento instável do espelho líquido que tanto parece fasciná-lo.

Para Paul Griffiths, a obra é “quase que uma única nuvem flutuando através de diferentes regiões de cores, harmonia e texturas” — uma associação poderosa, já que Ligeti era mesmo fascinado por nuvens e as traduziu em música como essas amplas atmosferas sonoras em vagarosa transmutação. O compositor, contudo, prefere outra analogia: “eu pensaria em uma superfície de água na qual uma imagem é refletida”, mas que ao ser perturbada de pouco em pouco, vê aquela imagem desaparecer, também muito gradualmente, até que, ao acalmar das águas, outra imagem surja refletida, antes de novamente ser perturbada e se desfazer.

Igor Reis Reyner

Escritor, pesquisador e pianista. Doutor em Letras pelo King's College London. Autor do livro *Corpo Sonoro & Sound Body* (Impressões de Minas, 2022).

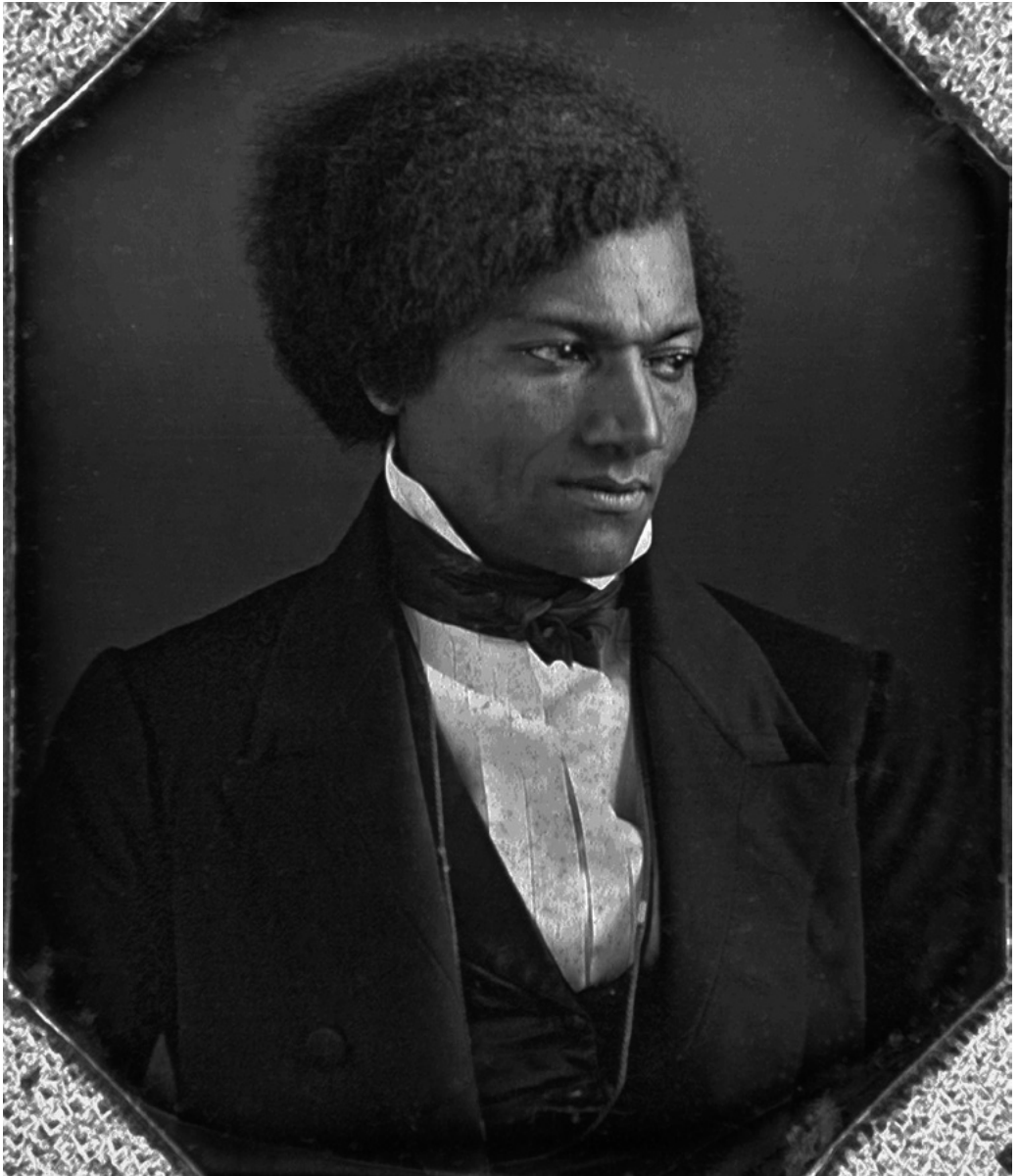
Had to be [Tinha que ser]

2024

Instrumentação

piccolo
flauta
oboé
clarone
fagote
2 trompas
2 trompetes
3 trombones
percussão
piano
cordas

Em termos conceituais, *Had to be* se inspira na rica história dos movimentos negros de libertação que se valeram da moda e do estilo, especialmente o dandismo negro — um movimento estético e político em que homens negros se vestiam com apurada sofisticação como forma de resistência, reivindicação da dignidade e afirmação orgulhosa de sua identidade. Em termos sonoros, essa conexão entre estilo, identidade e resistência se expressa na combinação de belas melodias de sabor ocidental com elementos da tradição musical das diásporas africanas, particularmente da cultura crioula haitiana, da qual descende a compositora.



Mais do que elegância, o **dandismo** é uma forma de presença no mundo. Surgido na Europa do século XIX, com prolongamentos nos Estados Unidos, ele está associado a figuras como Beau Brummell [1778-1840], Julius Soubise [1754-1798], Oscar Wilde [1854-1900], W.E.B. Du Bois [1868-1963], Claude McKay [1890-1948] e Langston Hughes [1901-1967], que transformaram o vestir-se em gesto estético e político. Em contextos marcados pela escravidão, pelo colonialismo e pelo racismo, homens negros se apropriaram desses códigos de elegância para subverter expectativas: vestir-se bem torna-se um gesto de dignidade, resistência e reinvenção. Na imagem, Frederick Douglass [1818-1895], abolicionista e intelectual norte-americano.

Escrita para o violoncelista Seth Parker Woods, a obra conta com três movimentos. O primeiro, “Volta para casa”, seria, como sugere Woods, “uma espécie de oferenda, um convite ao encontro”. Evocando a transformação de dores coletivas em celebração comunitária, ele se inspira numa gravação de campo de música haitiana. Assim, inicia-se com metais e caixa-clara posicionados fora do palco, numa simulação de um desfile de uma “banda marcial de vizinhança”. Como nota Donna Lee Davidson, a incisão desse elemento “derivado de uma prática musical inerentemente enraizada na coletividade” subverte a própria modalidade do concerto, que se centra no artista individualmente destacado.



Banda de jazz afro-americana nos Estados Unidos, na década de 1920. Sopros que se respondem, ritmo que insiste: a música nasce do grupo e ganha o espaço ao redor. É desse impulso coletivo entre rua e palco que emergem os cortejos e o jazz urbano.

Convidando orquestra e solista para uma dança “intoxicante”, o segundo movimento, “Fulgor”, combina as audácias do jazz do Harlem do início do século XX com as complexas sobreposições de ritmo da cultura musical da África Ocidental. De forma tocante, ele transiciona para o movimento final, no qual o protagonista, confessa Parker Woods, encontra-se “em seu estágio mais vulnerável”. Em sua atmosfera pós-minimalista, “Com elegância” opõe “encantos poéticos” — que se repetem e se intensificam — ao canto “angélico e devoto” do solista, que, sempre mais agudo, ascende numa trajetória cintilante de dissipação.

Diferentemente do que ocorre na maior parte das obras concertantes, em *Had to be*, o violoncelo comporta-se, nos dois primeiros movimentos, como uma espécie de integrante privilegiado da orquestra. Apenas no movimento final, é que ele assume plenamente seu papel de solista. Como define Joachim: “*Had to be* é, como suas inspirações, positiva, cheia de orgulho e radical. Representa as interseções perpetuamente coloridas e complexas entre raça, classe, gênero, poder e estilo. Ela honra o que significa ser negro e continuamente escolher ser livre”.

Igor Reis Reyner

Sinfonia n.º 7 em Lá maior, Op. 92 1811-1812

Instrumentação

2 flautas
2 oboés
2 clarinetes
2 fagotes
2 trompas
2 trompetes
tímpanos
cordas

O *Dicionário musical* publicado por Heinrich Christoph Koch em 1802 — ano da estreia da *Primeira sinfonia* de Beethoven — considera a sonata e seu subgênero, a sinfonia, como as principais formas da música instrumental. Ele aponta Haydn, cujo ciclo de 106 sinfonias se encerrara em 1795, como o autor exemplar no gênero. De fato, a produção sinfônica de Haydn é extremamente significativa, e sua técnica composicional foi a base sobre a qual Beethoven construiu suas nove sinfonias, apropriando-se dos artifícios mais eficazes da obra de seu antecessor. A força da produção de Beethoven, contudo, acabou relegando Haydn à posição de “pai da sinfonia”, e, no século XIX, seria Beethoven — e não mais Haydn — quem adquiriria o estatuto de compositor modelar do gênero sinfônico.

O núcleo principal das sinfonias de Beethoven abrange um período composicional de 12 anos, compreendido entre 1800 (*Sinfonia n.º 1*) e 1812 (*Sinfonia n.º 8*). Sua *Sinfonia n.º 9*, bem mais tardia [1824], pode ser entendida como uma obra isolada em relação às demais, dadas as grandes diferenças estilísticas. De todo modo, no século XIX, a sinfonia considerada exemplar para o estudo da composição era a *Sinfonia n.º 7* — e não a *Nona* — obra que permanece, até hoje, entre as mais apreciadas do repertório de Beethoven.



No início da década de 1790, passaram por Viena três figuras centrais da história da música. Joseph Haydn, já consagrado, era o principal nome da composição sinfônica da Europa musical. Wolfgang Amadeus Mozart, uma geração mais jovem, havia consolidado uma linguagem de extraordinária fluidez e expressividade. E Ludwig van Beethoven, recém-chegado à cidade em 1792, aos 21 anos, começava sua formação decisiva. A relação entre Haydn e Mozart foi marcada por admiração mútua. Mozart dedicou a Haydn seis quartetos de cordas [1785], reconhecendo nele um mestre, e Haydn declarou ao pai de Mozart que seu filho era “o maior compositor que conhecia”. Retornando de Londres, Haydn assumiu Beethoven como pupilo; as aulas, porém, foram irregulares. Haydn viajava com frequência e Beethoven considerava o ensino de Haydn insuficiente. Apesar dessas tensões, Beethoven publicou, em 1795, seu Opus 1, três trios para piano e cordas com uma dedicatória a Haydn, num gesto de reconhecimento público.

A intensidade do estilo beethoveniano reside na aplicação engenhosa de elementos conhecidos, porém em contextos inesperados. A repetição de motivos já era recurso empregado por Haydn, contudo seu emprego tão insistente, como no movimento inicial da *Sinfonia n.º 7*, é peculiaridade de Beethoven. Empregar padrões de dança, como o minueto ou a giga, era corrente, mas usar um padrão de marcha, como no segundo movimento da *Sinfonia n.º 7*, é singular. É comum que uma sinfonia apresente *finales* vigorosos, mas a energia do último movimento da *Sinfonia n.º 7* é tão impetuosa que o movimento chegou a ser descrito como “bacanal” ou ainda “bestial”.



A *Sinfonia n.º 7* foi dedicada ao conde Moritz von Fries, coproprietário do banco vienense Fries & Co., patrono das artes e amigo de Beethoven. Desde a virada do século, o compositor era convidado frequente na casa do banqueiro – e além da *Sétima*, dedicou-lhe duas sonatas para piano e violino e um quarteto de cordas.

A *Sinfonia n.º 7* foi estreada em Viena, em 1813, com êxito enorme e imediato. O segundo movimento, uma marcha concebida em forma de cânone, foi o favorito do público, que exigiu que ele fosse repetido imediatamente após sua execução. A orquestra reuniu alguns dos mais destacados músicos da época, entre eles, os violinistas Ignaz Schuppanzigh e Louis Spohr, além do célebre guitarrista-compositor Mauro Giuliani, que também atuava como violoncelista. O sucesso foi tal que a obra foi rerepresentada no ano seguinte, em um concerto grandioso, assistido por mais de 3 mil pessoas.

A dimensão da orquestra mobilizada no concerto de 1814 era aproximadamente três vezes superior à das formações típicas das sinfonias da época de Haydn e Mozart, e mesmo das sinfonias anteriores de Beethoven. Tal circunstância contribuiu decisivamente para a impressão de grandiosidade do evento, evidenciando o prestígio alcançado por Beethoven ainda em vida — prestígio do qual ele continua a gozar como um dos maiores compositores da história.

Monica Lucas

Professora Titular do Departamento de Música da Universidade de São Paulo.



Acesse a esta e às demais edições da Revista Uirapuru.



Assista ao Falando de Música da semana.



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp

Desde seu primeiro concerto, em 1953, a Osesp tornou-se parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. A cada ano, a Osesp realiza em média 130 concertos para cerca de 150 mil pessoas. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Além da Orquestra, há um coro profissional, grupos de câmara, uma editora de partituras e uma vibrante plataforma educacional. A Osesp já realizou turnês em diversos estados do Brasil e também pela América Latina, Estados Unidos, Europa e China, apresentando-se em alguns dos mais importantes festivais da música clássica, como o BBC Proms, e em salas de concerto como o Concertgebouw de Amsterdã, a Philharmonie de Berlim e o Carnegie Hall em Nova York. Mantém, desde 2008, o projeto “Osesp Itinerante”, promovendo concertos, oficinas e cursos de apreciação musical pelo interior do estado de São Paulo. Em 2026, a Osesp se torna a primeira orquestra brasileira a gravar pelo Selo Deutsche Grammophon. É administrada pela Fundação Osesp desde 2005.



Elena Schwarz
regente

Regente residente da orquestra de câmara Klangforum Wien desde 2024, já regeu as Sinfônicas de Barcelona, Bournemouth, Lucerna, Viena e San Diego, as Filarmônicas de Liège, Bremen e Los Angeles, além da Sinfônica Alemã de Berlim, da Orquestra Gulbenkian e a da Ópera de Lyon. Já colaborou com solistas lendários, como Pierre-Laurent Aimard, Marc-André Hamelin e Tabea Zimmermann, e nesta temporada retorna à Osesp, à Filarmônica da Rádio dos Países Baixos, ao Festival de Lucerna e à Sinfônica da BBC. Vencedora do Concurso Trondheim em 2014, foi bolsista na Filarmônica de Los Angeles em 2019. Defensora da música contemporânea, trabalha com diversos grupos especializados, como o Ensemble MusikFabrik, o Ensemble intercontemporain, a Basel Sinfonietta e o Ensemble Modern. Também nesta temporada, estreia com a Orquestra Sinfônica SWR, a Filarmônica de Essen, a Orquestra Hallé e a Residentie Orkest de Haia, além de se apresentar com as Óperas Nacional Holandesa e a Real Dinamarquesa.



Seth Parker Woods
violoncelo

Homenageado na Gala de Prata do 25^o Aniversário da Sinfônica de Seattle em 2023, Woods já tocou ao lado das Filarmônicas de Nova York e Los Angeles, da Orquestra Metropolitana de Montreal, e da Sinfônica Chautauqua. Como curador, apresentou-se em concertos em homenagem à música de Julius Eastman, no Lincoln Center, e à música de câmara de George Walker, no museu de arte The Phillips Collection. Em 2022, recebeu o Prêmio Visionário Michael Jaffee da Chamber Music America, e nesta temporada estreia como solista com a Osesp, com a Filarmônica do Elba, em Hamburgo e também no Barbican Centre, de Londres. Como recitalista e músico de câmara, Woods já se apresentou no Carnegie Hall, na Biblioteca do Congresso, no Kennedy Center, no Konzerthaus Dortmund e na Universidade Harvard. Com duas indicações ao Grammy, por *Difficult Grace* (Cedille Records, 2023), em 2024, e *Eastman Vol. 4: The Holy Presence* (New Amsterdam Records, 2024) em 2025, foi artista residente no Kaufman Music Center e na Sinfônica de Seattle.

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp

Diretor Musical e Regente Titular

Thierry Fischer

Violinos

Emmanuele Baldini **spalla**

Davi Graton **spalla convidado**

Yuriy Rakevich **solista -**

primeiros violinos

Adrian Petrutiu **solista -**

segundos violinos

Amanda Martins **solista -**

segundos violinos

Leandro Dias **solista -**

segundos violinos*

Igor Sarudiandsky **concertino -**

primeiros violinos

Matthew Thorpe **concertino -**

segundos violinos

Abner Landim**

Alexey Chashnikov

Anderson Farinelli

Andreas Uhlemann

Camila Yasuda

Carolina Kliemann

César A. Miranda

Cristian Sandu

Elena Klementieva

Eliana Suris

Florian Cristea

Gheorghe Voicu

Guilherme Peres

Irina Kodin

Katia Spásova

Leandro Dias

Leonardo Bock

Marcio Kim

Michael Machado

Paulo Paschoal

Rodolfo Lota

Simone Elenciu**

Soraya Landim

Sung-Eun Cho

Svetlana Tereshkova

Tatiana Vinogradova

Violas

Horácio Schaefer **solista | emérito**

Maria Angélica Cameron

concertino

Peter Pas **concertino**

André Rodrigues

Andrés Lepage

David Marques Silva

Éderson Fernandes

Galina Rakhimova

Olga Vassilevich

Sarah Pires

Simeon Grinberg

Vladimir Klementiev

Violoncelos

Kim Bak Dinitzen **solista**

Heloisa Meirelles **concertino**

Rodrigo Andrade **concertino**

Adriana Holtz

Bráulio Marques Lima

Douglas Kier

Jin Joo Doh

Maria Luísa Cameron

Marialbi Trisolio

Regina Vasconcellos

Contrabaixos

Ana Valéria Poles **solista | emérita**

Pedro Gadelha **solista**

Marco Delestre **concertino**

Max Ebert Filho **concertino**

Alexandre Rosa

Almir Amarante

Cláudio Torezan

David Moraes***

Jefferson Collacico

Ney Carvalho

Flautas

Claudia Nascimento **solista**

Fabiola Alves **piccolo**

Lincoln Sena **piccolo**

Christian Damiani***

Sávio Araújo

Oboés

Arcadio Minczuk **solista | emérito**

Ricardo Barbosa **solista**

Natan Albuquerque Jr. **corne-inglês**

Peter Apps

Clarinetes

Ovanir Buosi **solista**

Sérgio Burgani **solista | emérito**

Nivaldo Orsi **clarone**

Daniel Rosas **requinta**

Giuliano Rosas

Fagotes

Alexandre Silvério **solista**

José Arion Liñarez **solista**

Romeu Rabelo **contrafagote**

Francisco Formiga

Dayvison Gabriel****

Trompas

Luiz Garcia **solista**

André Gonçalves

José Costa Filho

Nikolay Genov

Daniel Filho

Luciano Amaral

Trompetes

Marcos Motta **solista**

Antonio Carlos Lopes Jr.

Marcelo Matos

Kauã Requena***

Trombones

Darcio Gianelli **solista**

Wagner Polistchuk **solista |**

emérito

Alex Tartaglia

Fernando Chipoletti

Trombone baixo

Darrin Coleman Milling **solista**

Tuba

Filipe Queirós **solista**

Tímpanos

Elizabeth Del Grande **solista |**

emérita

Rubén Zúñiga **solista**

Percussão

Ricardo Righini **1ª percussão**

Alfredo Lima

Armando Yamada

Harpa

Liuba Klevtsova **solista**

Convidados deste programa

Edmilson Gomes **trompete**

Vivian Meira **fagote**

Thiago Lamattina **percussão**

Cecília Moita **celesta**

* cargo interino

** cargo temporário

*** acadêmica da Osesp

Os nomes estão relacionados em ordem alfabética, por categoria. Informações sujeitas a alterações.

Governo do Estado de São Paulo

Governador

Tarcísio de Freitas

Vice-governador

Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária de Estado

Marília Marton

Secretário Executivo

Marcelo Henrique Assis

Subsecretário

Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete

Vicenzo Carone

Diretora de Difusão, Formação e Leitura

Jenipher Queiroz de Souza

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural

Mariana de Souza Rolim

Diretora de Fomento à Cultura, Economia e Indústria Criativas

Liana Crocco

Chefe de Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais

Marina Sequetto Pereira

Fundação Osesp

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Conselho de Administração

Pedro Pullen Parente **presidente**

Stefano Bridelli **vice-presidente**

Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes

Luiz Lara

Marcelo Kayath

Mario Engler Pinto Junior

Mônica Waldvogel

Ney Vasconcelos

Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

Comissão de Nomeação

Fernando Henrique Cardoso **presidente**

Celso Lafer

Fábio Colletti Barbosa

Horacio Lafer Piva

Pedro Moreira Salles

Presidente e CEO

Marcelo Lopes

Diretor Jurídico, Financeiro e Administrativo

Fausto Arruda

Diretora de Gestão de Pessoas

Flavia Adrião

Diretora de Comunicação e Marketing

Mariana Stanisci

Conheça toda a equipe em:

**[fundacao-osesp.art.br/
fosesp/pt/sobre](http://fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre)**

Próximos concertos

19 DE ABRIL DE 2026

O Coro da Osesp entre Brasil e Alemanha

Em um repertório coral repleto de clássicos como Jean Berger, Denise Garcia, Mendelssohn, Ernani Aguiar, Clara Schumann e Villa-Lobos, o programa busca aproximar Alemanha e Brasil através das potentes vozes do Coro da Osesp.

26 DE ABRIL DE 2026

Quarteto Poesis e os Amores Impossíveis

Johannes Brahms, Clara e Robert Schumann são o triângulo amoroso mais famoso da história da música, e neste programa é possível perceber até as menores nuances que envolvem o trio, sob o olhar de Carolina Kliemann, Maria Angélica Cameron, Maria Luísa Cameron e Fernando Tomimura.



Agenda completa
e ingressos

Primeira vez na Sala? Algumas dicas

Após o terceiro sinal, a Sala de Concertos é fechada – quando for possível entrar após o início da apresentação, siga as instruções dos indicadores e ocupe discretamente o primeiro lugar vago.

O silêncio permite a escuta até das pequenas nuances da música de concerto: desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe comentários para o intervalo entre as obras ou para o final. Por favor, não filme ou fotografe durante a performance: a singularidade de cada concerto é uma das belezas das apresentações.

O consumo de alimentos não é permitido no interior da Sala: conheça nossas áreas destinadas a isso – o **Restaurante Vivace**, o **Café da Sala** e a **Cafeteria Lillas Pastia** (no interior da **Loja Clássicos**).

Acesso à Sala

Nosso **estacionamento** funciona das 6h às 22h ou até o fim do evento. O pagamento pode ser feito no 1º subsolo ou no Hall Principal.


No Boulevard, há o estande da **Use Táxi** para agendamento de viagens, e uma área interna para embarque e desembarque de passageiros.


Também é possível acessar a Sala por **trem** e **metrô**, por meio da passagem que liga o estacionamento com a Estação Luz, aberta das 6h às 23h30; ou ainda, ao sair pelo Boulevard, seguir pela Praça Júlio Prestes à estação de trem de mesmo nome, com acesso à Linha 8 Diamante da CPTM.




Confira todos os horários de funcionamento e detalhes em: salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja

www.osesp.art.br


 @osesp_

 /osesp


 /videososesp


 @osesp


escute a osesp

 spotify


 apple music


 deezer


 amazon music


 idagio

www.salasaopaulo.art.br

 @salasaopaulo_

 /salasaopaulo

 /salasaopaulodigital

 @salasaopaulo

escute as playlists da sala

 apple music

www.fundacao-osesp.art.br

 /company/fundacao-osesp/

Uirapuru – Revista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de
São Paulo - Osesp
Praça Júlio Prestes, nº 16, São Paulo, SP

Periodicidade seriada em fluxo contínuo, com
edições dedicadas a cada programa de concerto.

Expediente

Jéssica Cristina Jardim **coordenação editorial**

Miguel Levi Molina **assistente editorial**

Pablo Mazzuco **coordenação do projeto gráfico**

Bernardo Cintra **designer**

Silas Oliveira **designer**

Igor Reis Reyner (colaborador externo) **revisão crítica e tradução**

Imagens

P. 3 *A cavalgada rumo à liberdade*, de Eastman Johnson [1824–1906]. ©Google Art Project

P. 6 *Luminescência atmosférica em Auvergne* (França), em 13 de agosto de 2015. ©Clame Repórter

P. 7 *Narciso*, de Caravaggio [1571–1610]. ©The Yorck Project

P. 9 Frederick Douglass [1818–1895]. Domínio público.

P. 10 Centro Schomburg de Pesquisa em Cultura Negra, Divisão de Fotografias e Gravuras, Biblioteca Pública de Nova York. “Fotografia de cinco homens, alguns segurando diferentes instrumentos.” ©Coleções Digitais da Biblioteca Pública de Nova York, 1947–1951.

P. 13 Monumento Beethoven-Haydn-Mozart. ©Oz Ordu

P. 14 Conde Moritz von Fries [1777–1826] com sua família – pintura de François Gérard; fotografia da reprodução assinada “A.G.”, por volta de 1913. ©Beethoven-Haus Bonn

P. 16 Osesp. ©Mario Daloia

P. 17 Elena Schwarz. ©Mathias Bothor

P. 18 Seth Parker Woods. ©Ben Gibbs



Todos os instrumentos
contam diversas histórias.
Inclusive as suas.

o

s

e

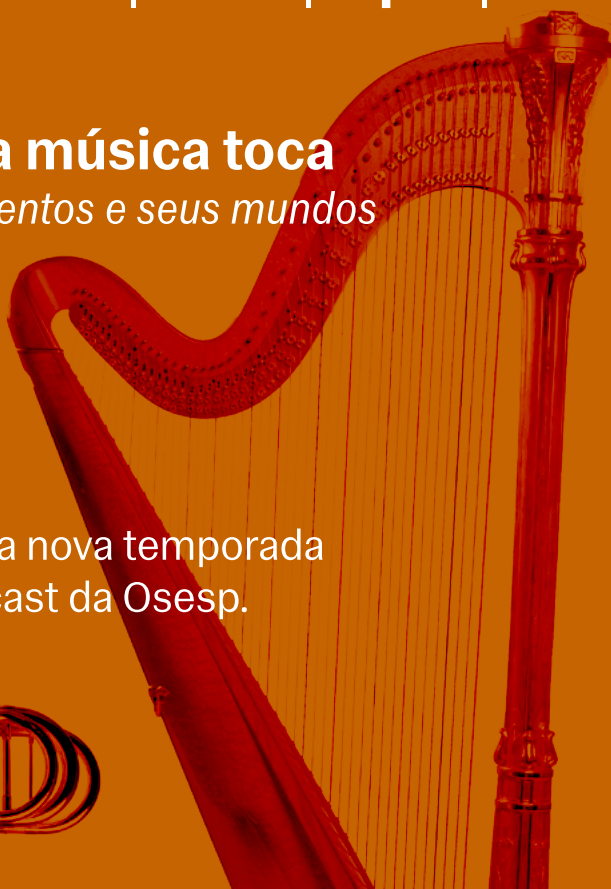
s

p

Aqui a música toca
Instrumentos e seus mundos



Confira a nova temporada
do podcast da Osesp.





O uirapuru é um pequeno pássaro da Amazônia, conhecido por seu canto raro e melodioso. Diz-se que traz sorte, amor ou transformação.

A lenda indígena inspirou Villa-Lobos no poema sinfônico-bailado *Uirapuru* [1917], que sugere o universo fantástico da ave por meio de solos de instrumentos deopro.

É dessa imagem de um canto raro e profundamente ligado à paisagem sonora do Brasil que nasce também o nome da revista da Osesp.



Lei Rouanet



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo



PATROCÍNIO

PROMOÇÃO



FOLHA DE S. PAULO

REALIZAÇÃO



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO